

UMA ASSOCIAÇÃO VOLUNTÁRIA OU CORPO DE CRISTO? UMA
ECLESIOLOGIA WESLEYANA PARA A IGREJA DO NAZARENO TODAY

Por: Mark Mann and Brent Peterson

Point Loma Nazarene University and Northwest Nazarene University

A doutrina de eclesiologia foi uma das últimas doutrinas a ser desenvolvida na Igreja do Nazareno. Foi em 1989 que a Assembleia Geral adoptou uma declaração oficial sobre “A Igreja”, incluso nos Artigos da Fé. Isto, contudo, não quer dizer que os Nazarenos ficaram alheios à eclesiologia. O facto foi de que a Igreja do Nazareno não tinha elaborado esta doutrina duma maneira que se podia entender melhor, isto é, a doutrina da eclesiologia não tinha sido articulada formalmente. A nossa acersão é de que desde o princípio os Nazarenos abraçaram duas eclesiologias. A primeira e a mais recente é aquela que vem do contexto de movimentos de santidade. Este tipo de eclesiologia olha para a igreja como sendo uma associação voluntária de crentes que se reúnem num ambiente de comunhão e missão. O segundo tipo de eclesiologia é da perspectiva Wesleyana. Este olha para a igreja como um Corpo de Cristo, que se reúne num ambiente de santidade pelo poder do Espírito Santo por meio de sacramentos, e comissionado para o mundo com um ministério de reconciliação. O nosso propósito nesta apresentação é de salientar as várias maneiras que o segundo tipo de eclesiologia tem sido encarado dentro da tradição Nazarena, e como pode servir dum meio de correção de algumas tendências problemáticas do primeiro tipo. Finalmente, propomos que um enquadramento da eclesiologia, o corpo de Cristo, com um entendimento Wesleyano bem forte firmado nos sacramentos de Baptismo e da Eucaristia pode providenciar uma maneira muito útil para nós Nazarenos pudermos ser fiéis à nossa tradição e ao mesmo tempo vivemos efectivamente à chamada de Deus – a chamada para sermos uma Igreja Cristã, de Santidade e Missionária.

Igreja como uma Associação Voluntária

A linguagem da igreja como uma ‘associação voluntária de crentes’ pode-se encontrar nas declarações antigas da Igreja do Nazareno. No *Manual* de 1908 pode se ler: “As igrejas são severamente compostas de tais pessoas generadas de permissão providencial, e pela liderança do Espírito, torman-se socios na comunhão e nos ministérios santos.” (2). Um pouco mais tarde, na introdução das declarações dotrinais que passariam a ser Artigos da Fé, a mesma linguagem é usada para descrever a natureza da nossa igreja – eles se identificaram como “Cristãos que se associaram para uma comunhão e serviço na Igreja Pentecostal do Nazareno” (25). A semelhante linguagem aparece no *Manual* de 2009 – 2013 em que a

Igreja do Nazareno é declarada sendo “composta daquelas pessoas que voluntariamente se associaram de acordo com as doutrinas e políticas da dita igreja...” (37).

Este modelo de considerar aquilo que a igreja é seria o mais predominante na história da Igreja do Nazareno e faz sentido quando se trata do tempo que a igreja deu sua origem. A ideia desenvolveu durante a Reforma dos Anabaptistas e Pietistas (na reação contra o conceito da doutrina de eclesiologia dos Católicos e dos Reformados Magisteriais) que desejavam enfatizar o facto de que uma fé Cristã verdadeira requer dedicação pessoal. Conversão pessoal e santificação foram doutrinas centrais para o desenvolvimento do Metodismo e mais tarde foram passadas para os movimentos de Santidade e reavivalismo, o encubador da teologia e practica da Igreja do Nazareno.

O conceito da igreja como uma associação de crentes voluntários desempenhou um papel muito importante na formação da unidade da igreja nos seus primeiros momentos da sua origem. O movimento de Santidade foi um movimento ecuménico com defesas em todos os ramos do Cristianismo Pentecostal Americano. Os primeiros Nazarenos entenderam claramente que os membros de todas as denominações eram membros verdadeiros da Igreja de Cristo, mesmo eles – os Nazarenos – decidiram livremente se congregarem juntos na comunhão, na experiência comum, e na dedicação para proclamar a santidade Cristã. Pelo facto de cada grupo ou indivíduo se considerar voluntários, isto criou um ambiente de hospitalidade abertura para outros grupos e indivíduos de santidade com doutrinas e políticas diferentes se enquadrarem numa missão comum. Desta maneira, eles se associavam uns aos outros voluntariamente no processo da formação da Igreja do Nazareno. Isto não significou que eles somente entenderam a igreja como uma associação de voluntários, mesmo que este conceito fosse predominante na teologia da Igreja do Nazareno e sua identificação nas décadas subsequentes.

Apesar da importância e utilidade da conotação da eclesiologia como sendo uma associação de voluntários no processo da formação da nossa igreja, tem havido também alguns problemas. Esses problemas foram cuidadosamente documentados e alguns deles serão salientados nesta apresentação. Primeiro, esta concepção tinha a tendência de criar o espírito de individualismo. Isto poderia pôr em causa a própria fé como sendo um caso meramente de escolha individual e relacionamento somente com Deus. De facto, se a igreja é apenas uma associação voluntária de crentes, a implicação seria de que a decisão de entrar na fé é distintamente prévia em relação a vida da igreja. Se esse for o caso, porque seria necessário que os crentes fossem membros duma denominação, or pertencessem à uma igreja? (Na América, o espírito de individualism se manifesta mais frequentemente nas

igrejas e daí os crentes mudam duma igreja para outra sem compromisso de dedicação em alguma igreja local. Nestes últimos momentos conseguimos ver e sentir os efeitos deste individualismo no meio das nossas juventudes nacionais. A sua concepção de fé é simplesmente uma jornada e pensam que individualmente podem crescer fortes em Cristo. Por essa razão, participação da juventude na igreja está cada vez mais a decrescer.) Segundo, esta maneira de ver a eclesiologia tem a tendência de considerar a igreja como sendo uma aglomeração de Cristãos individuais. Este conceito é totalmente contrário daquilo que as Escrituras dizem – a Igreja é resultado da obra de Cristo pelo poder do Espírito e a comunidade onde se formam os Cristãos. Terceiro, esta maneira de ver a eclesiologia pode parecer que a fé Cristã é uma coisa humanamente criada e, por essa razão, alguém pode escolher levar or deixar. Pelo contrário, fé é uma dádiva dos santos pela qual fomos chamados para vivermos fielmente. Finalmente, este modo de ver a eclesiologia tem a tendência de determinar a unidade da Igreja. Se alguém não concorda com os ensinamentos da sua igreja, sendo um associado voluntário, a pessoa tem toda a liberdade de abandoná-la e formar a sua própria igreja!

Os Sacramentos e a Igreja como o Corpo de Cristo

No ano 1989 a nossa denominação adoptou o seu primeiro Artigo da Fé sobre a igreja. O artigo não somente evita falar da igreja como uma associação de voluntários, mas também fala da igreja como corpo de Cristo. De facto, a linguagem usada na primeira parte da constituição da igreja é a mesma de associação voluntária. Portanto, não se pode pensar que este artigo traz uma definição completamente nova no que diz respeito a eclesiologia para os Nazarenos. Pelo contrário, devemos ver isto como sendo um passo para equilibrar os dois conceitos

Contudo, esta imaginação de ver a Igreja como o corpo de Cristo estava latentemente presente na nossa denominação ainda antes do ano 1989. Descobrimos esta verdade quando observamos a prática e a celebração dos sacramentos. Tem parecido que a visão e prática de sacramentos dos primeiros Nazarenos fora muito elevada do que aquilo que tem sido ao longo da história. Os novos crentes são iniciados no corpo de Cristo por meio do baptismo. O baptismo dos infantes foi praticado pelos primeiros Nazarenos, e havia uma clara expectativa de que todos os Nazarenos seriam baptizados. No entanto, há meio século atrás, temos visto que o baptismo dos crentes tornou-se simplesmente um sistema de regras, parecendo que a fé Cristã fosse uma coisa que se pode provar humanamente. Nós tornamo-nos Cristãos quando “decidimos seguir à Jesus.” Daí que baptismo torna-se essencialmente um testemunho

público da experiência da salvação que o crente teve anteriormente. De facto, tem sido comum encontrar que alguns Nazarenos são batizados muito tempo depois de serem salvos ou serem membros da igreja. Isto tem sido o resultado de ver a igreja como sendo uma associação voluntária.

De igual modo, os primeiros Nazarenos tiveram uma perspectiva muito alta sobre a comunhão do que aquilo que tem sido há meio século atrás – um sistema de regras. Os reavivamentos dentro dos movimentos de santidade e os acampamentos durante a última quinzena do século dezanove terminavam com um culto de comunhão. Os dois grupos que se juntaram no Pilot Point no ano 1908 tinha uma perspectiva de eucaristia relativamente “alta”. A Igreja de Santidade de Cristo, influenciada grandemente pelos Discipulos de Cristo, tiveram comunhão todas as semanas, enquanto que as congregações de APCA, para além de celebrarem a comunhão com tanta frequência, usaram mais sistema litúrgico com uma linguagem Anglicana. Os Wesleyanos, doutro lado, adoptaram a linguagem Metodista Americana. Durante o tempo da Ceia do Senhor a Igreja é renovada e unificada como o corpo de Cristo e comissionada para servir no mundo.

Os Nazarenos do Phineas F. Bresee e outros grupos dos primeiros Nazarenos tiveram o mais baixo view dos sacramentos. No entanto, foi essencialmente a teologia sacramental deles que foi adoptada para unificar a denominação em 1908. A contigente do Bresee sobre a comunhão tinha uma perspectiva alta do que aquela que muitos Nazrenos tiveram ao longo do primeiro século da existencia da igreja. A Primeira Igreja de L.A. celebrou a comunhão seis vezes por ano, e a liturgia que Bresse desenvolveu para os primeiros Nazarenos sobreviveu no *Manual* da igreja unificada e teve um grande papel de manter vestígios significativos do “Corpo de Cristo” e da eclesiologia. Por exemplo, os crentes eram chamados pela fé para “participarem da vida de Jesus Cristo” e nunca esqueceram que eles eram “um” na “mesa do nosso Senhor” (1908, 68-69). Enquanto a linguagem usada não identifica explicitamente a igreja como o corpo de Cristo, a sua implicação é de que a sua *união* na mesa do Senhor a igreja compromete-se em *viver a vida* de Cristo. Iguamente, na oração da consagração de 1908, encontramos que a comunhão não é meramente um memorial, mas sim “que a igrja paricipa dos beneficios da Sua morte sacrificial” (1908, 69). Infelizmente, mais tarde os Nazrenos adoptaram a perspectiva moralista, e nos anos 1920 eles ignoraram e retiraram totalmente o Artigo da Fé a chamada para a comunhão que se encontrava no sacramento da Ceia do Senhor.

Apesar deste desaparecimento geral da eclesiologia cetralizada no sacramento, na doutrina e practica da Igreja do Nazareno, existem vários textos teológicos que oferecem

oportunidades para uma formação contínua da eclesiologia da Igreja e teologia sacramental. Dos tais documentos incluem Teologia Cristã, por H. Orton Wileys; God, Man and Salvation, por Purkiser, Taylor; Grace, Faith and Holiness, por H. Ray Dunning; and *Outward Sign and Inward Grace*, por Rob Staples. O impacto destas obras literárias foi limitado, porque muitos dos aspectos positivos da eucaristia e inspirações eclesiológicas eram negligenciadas para atrás dos livros ou nas notas ao pé da página assim como nas doutrinas e práticas oficiais da Igreja do Nazareno. Entretanto, Dunning e Staples especialmente marcam o início da recuperação do equilíbrio da eclesiologia Wesleyana para a teologia da Igreja do Nazareno. É este equilíbrio que mantém a tensão entre o melhor entendimento bíblico da igreja como o corpo de Cristo e a importância da fé pessoal e dedicação.

À um certo momento, esta recuperação foi enraizada na busca da teologia e prática dos Wesleyanos. A nossa intenção é de contribuir neste processo de recuperação, olhando para o entendimento Wesleyano dos sacramentos como a fonte de manter uma perspectiva propriamente equilibrada sobre a igreja. Primeiro, vamos tentar explorar como é que a tradição Wesleyana tem afirmado a cura de Deus (santificação) por meio dos sacramentos como sendo meios da graça. Segundo, vamos analisar as maneiras em que a Eucaristia está na posição central para o entendimento Wesleyano de uma renovação contínua da Igreja e do Corpo de Cristo. Terceiro, vamos explorar as dimensões escatológicas do entendimento Wesleyano da santificação e seu relacionamento com o sacramento de comunhão. Como tal, procuramos recuperar a perspectiva da igreja como o corpo de Cristo por meio de Deus inspirando a Igreja para uma adoração comum nos sacramentos e depois daí inspirando-lhes para serem engajados na missão. Para este propósito, a Igreja do Nazareno pode se tornar inteiramente Igreja Cristã, de Santidade, e Missionária.

Eucaristia como um Meio da Graça

A salvação Cristã na tradição Wesleyana é a cura das doenças do pecado. Como tal, qual é o papel específico que os meios da graça tem no *ordo salutis*? Os meios da graça são centrais para o *ordo salutis* ordinário do Wesley:

Eu entendo ‘meios da graça’ como sinais externos, palavras, orações ordenadas de Deus e indicadas para este fim – para ser o canal ordinário pelo qual ele possa expressar para o homem a graça preventiva, justificadora, or santificadora... O maior destes meios são a oração, seja secreto or no meio de grande congregação; leitura, audição e meditação das Escrituras e a recepção da Ceia do Senhor (pão e vinho) em memória dele...

Para os Wesleyanos, um sacramento, mais do que um sinal duma experiência ou estado espiritual já alcançado, era em si mesmo um *evento* da graça santificadora – um encontro da cura divina-humana para o amor mais perfeito. A tal graça não deve ser considerada como material que está fora da presença de Deus. A graça é a oferta da presença curadora e transformadora de Deus que santifica as pessoas, curando e renovando a igreja como o corpo de Cristo. Membros individuais vão à mesa partidos e, de certo modo, alienados de Deus, de uns aos outros e deles próprios. No entanto, na Eucaristia, as pessoas são dadas cura por estarem unidas à Cristo e serem membros do Seu corpo de modo que esta renovação do corpo de Cristo possa enviar a Igreja para participar e continuar o ministério de Encarnação.

Infelizmente, o assunto da presença de Cristo na Eucaristia tem sido a causa de disparidade entre Cristãos. Uma das razões é que quando este tipo da presença na Eucaristia é levantado, as pessoas tem a tendência de focalizar somente em como Cristo é presente em conexão com o pão e o vinho (sumo). Neste respeito, gostaríamos de abraçar – com os Wesleyanos – aquilo que temos rotulado uma “doxologia agnosticismo.” Isto é, não pretendemos usar meios científicos para justificar como é que Cristo é presente na Eucaristia (sendo assim agnósticos). Queremos somente abraçar o mistério metafísico que Cristo está verdadeiramente presente pelo poder do Espírito Santo quando nos congregamos à mesa em adoração de tal maneira que sentimos a experiência do convite para a graça santificadora e comunhão. Duma or doutra maneira, na Eucaristia os nossos olhos são abertos para vermos Cristo e os nossos corações são abertos para recebermos a Cristo. Como tal, a presença de Cristo neste evento sempre vêm como uma surpresa violenta que resulta numa felicidade doxológica (espírito de adoração). Charles Wesley escreveu,

*Certa e real é a graça, a maneira de ser conhecida;
Somente encontra-nos nos vossos caminhos e perfeita-nos em um.
Permita-nos saborear os poderes do céu, Senhor, nós pedimos por nada.
O vosso é abençoar, ‘isto somente nosso para admirar e adorar.*

É tão interessante notar que uma abertura para a presença de Cristo como um agnosticismo doxológico pode ser encontrado nos primeiros *Manuais*. No Manual de 1903, Igreja do Nazareno, a primeira declaração sobre a Ceia do Senhor aparece sob o capítulo “Membrasia da Igreja e Geral”.

A Ceia do nosso Senhor é um sacramento da nossa redenção pela morte de Cristo. É na memória da Sua morte e paixão, e nesta esperança sa Sua vinda outra vez. Ao tomar desta comunhão, pela fé somos capacitados pelo o Espírito Santo para tomarmos do Seu corpo e sangue para a fortificação das nossas almas (16-17).

Mesmo nesta declaração existe uma tensão entre a ênfase na memória e na oração sobre o Espírito Santo que deveria ajudar os membros da congregação a “tomar o corpo e o sangue de Cristo”. Isto pareceria que o tomar implicaria uma *presença* dinâmica de encontro com Cristo. Dentro deste encontro, a ênfase primária continua a ser o fortalecimento das almas.

O Sacrifício de Cristo, o sacrifício das pessoas

Como foi anotado previamente, o assunto sobre a ‘presença’ não é somente um assunto que tem haver com Cristo, mas também tem haver com os Cristãos. Enquanto o Espírito reúne os crentes e aspira-lhes para uma adoração em comum, o mesmo Espírito lhes convida e lhes capacita para puderem se apresentar à Deus como “um sacrifício vivo”. Os Wesleyanos foram muito claros neste ponto – a Ceia do Senhor é um sacrifício. Infelizmente, a Eucaristia, sendo um sacrifício, não tem sido entendida bem.

No processo desta ligação entre sacrifício e santificação, a etimologia Latina torna-se muito útil. O termo sacrifício em Latin é *sacrificium*, uma palavra cuja raiz é *sacer* (Santo) e *facem* (fazer). Literalmente o termo sacrifício significa “ser feito santo” ou “fazer santo”. Esta análise gramatical é muito útil para um melhor entendimento do termo sacrifício a partir das imagens fixadas no “pagamento do sangue”, “restauração de honra” ou “apaziguamento da ira divina”. Um sacrifício é o meio pelo qual a pessoa é feita santa. Este acto tem suas implicações não somente considerando como a presença de Cristo na Eucaristia tem sido um sacrifício, mas também como é que a igreja se sacrifica na Eucaristia como um acto de doxologia. O sacrifício da igreja na Eucaristia é a sua resposta ao convite de Deus para uma cura e renovação da *imago dei* (imagem de Deus). Em outras palavras, a oferta sacrificial eucarística da igreja é um meio em que a igreja continua a crescer na santificação. Dai que não é somente Cristo que é feito presente pelo Espírito, também Cristãos são convidados para estarem presentes pelo o Espírito oferecendo suas vidas a Cristo como um sacrifício vivo.

Este entendimento é fiel para a tradição Wesleyana. Tal como o sacramentalista erudito Wesleyano Ole Borgen disse, isto liga entre a Ceia do Senhor e o subsequente crescimento na santificação:

É a mesma preocupação que difunde os pensamentos Wesleyanos sobre o sacrifício e a sua ligação com a Ceia do Senhor. De facto, em nenhum lugar onde a ideia de alguém se oferecer, sua alma, corpo, tudo o que é nosso e o que é de Deus por meio de Cristo é mais enfatizado do que quando Wesley analisa santificação e a ‘Perfeição Cristã’.

Isto é exatamente a razão que fez com que a Ceia do Senhor fosse prioritadamente o sacramento de santificação. A resposta sacrificial humana para Deus na mesa do Senhor figura a consagração que Wesley descreve como a postura sacrificial para aqueles que procuram a inteira santificação. Esses são chamados a se entregarem sacrificialmente a Deus.

À vista destas três facetas duma eclesiologia eucarística na tradição Wesleyana, quais as implicações eucarísticas e eclesiásticas para os meios da graça dentro do *ordo salutis*? Primeiro, a Ceia do Senhor é o acto central da igreja no processo contínuo da cura dos Cristãos. No acto da Santa Ceia, não obedecemos simplesmente o commando, mas sim abraçamos o dom de Deus que, através do Espírito, é para sustentar a igreja e manter a continuidade do processo da cura. Segundo, com a graça santificadora encontrada na Ceia do Senhor, a cura acontece como resultado do encontro que os crentes têm com Deus, entre uns aos outros, e servindo como uma projecção para o future. A nossa presença para Deus e para uns aos outros é também um evento escatológico que não é somente a perspectiva daquilo que vai ser, mas um evento de cura que transforma o presente para uma espera no futuro. Por essa razão, é essencial que reconhecemos a presença de Cristo e dos outros na mesa da Ceia do Senhor. Terceiro, considerando que a Ceia do Senhor é um dom da graça santificadora, ela é também o evento de onde a igreja se une com Cristo como a Cabeça e com outros membros como o corpo de Cristo. A Ceia do Senhor é o ser da igreja e não simplesmente uma expressão individual da devoção religiosa pessoal. Isto também mostra claramente que o dom da santificação é uma cura da *imago dei* (imagem de Deus), uma cura para amar a Deus, a nós mesmos e aos outros.

A Missão Doxológica: Deus Expirando a Igreja como o Corpo de Cristo

A Igreja é renovada como o Corpo de Cristo por meio do seu propósito primário e práctico, um encontro do homem divino no culto da Palavra e da Santa Ceia. Mas depois da Igreja ter se congregado pelo poder do Espírito (inspirada) para a comunhão, ela é expiriada. Para qual propósito? Com o propósito da Missão. Qual é o propósito de ser pessoas missionárias? Porquê Cristo comeu com os pecadores, cobradores de impostos, e pessoas prostitutas? Porquê a Igreja cuida dos pobres, viúvas, desalojados, órfãos e todas as pessoas marginalizadas? O propósito não é simplesmente de lhes fornecer comida or alojamento (apesar disto ser muito importante), mas para que essas pessoas possam se tornar membros do corpo de Cristo quando são trazidas na comunhão e convívio da Igreja. O alvo primário desta Missão é a comunhão. Além disto, o ministério vocacional da Igreja no mundo é sempre dentro dum espírito da doxologia de acção da graça.

Enquanto estas ideias estão interligadas, a ênfase vai para a missão doxológica onde a Igreja como corpo de Cristo está numa posição de desafiar a individualidade da associação voluntária e provavelmente descreve uma das nossas paixões primárias nesta apresentação. Um grande benefício de imaginar a Igreja como corpo de Cristo leva-nos ao alvo final muito além das almas individuais recebendo a sua recompensa da sua utopia (sempre agradável) dum perspectiva de céus para *theosis*. O alvo da inteira vinda do Reino de Deus, da redenção de toda a criatura, é de que a criação deveria glorificar a Deus, e nós veremos a Deus frente-a-frente, e Deus vai se tornar tudo em tudo. Esta é a perspectiva do Apóstolo Paulo expressada com grande poder na oração de Cristo em Getsêmani. Esta é a imagem da igreja em que cada pessoa é importante e tem grande significado quando está integrada no corpo no seu todo do que quando está separada e isolada da membrasia e procurando um destino eterno confortável. Pelo contrário, uma teologia e prática sacramental forte ajuda a formar a Igreja como corpo de Cristo dentro de formação forte nos sacramentos. Desta maneira, a Igreja pode se tornar escatologicamente inteiramente Cristã, santa e missionária.

Para concluir, a Igreja como corpo de Cristo é uma metáfora simbólica muito importante que compensa o individualismo dentro da Igreja como uma associação voluntária de pessoas com os mesmos pensamentos. A ministração da Palavra e da Santa Ceia é uma prática essencial da Igreja à medida em que pessoas vão sendo continuamente feitas Cristãs e pessoas Santas de Deus, enviadas por uma adoração comum, separadas (*Santas*) para participarem na Palavra redentora de Deus (Missionária). Deus congrega (inspira) a Igreja para comunhão, de modo que a Igreja venha a ser comissionada (expirada) para participar na missão de Deus no mundo. Quando isto acontece, cada semana que muitos do mundo vem e se congregam na comunhão de Deus na Igreja. Daí que, esta apresentação afirma que a Igreja como corpo de Cristo firmada na prática e na celebração dos sacramentos num ambiente de culto da Palavra e da Santa Ceia é essencial para a Igreja tornar-se mais inteiramente Cristã, de Santidade e Missionária, tudo para a glória de Deus.